

## Sobre o interesse na imprensa alóфона: o caso da imprensa étnica<sup>1</sup>

Bénédicte Deschamps

### INTRODUÇÃO

A imprensa alóфона tem suscitado um interesse crescente. Anteriormente deixada de lado pelos pesquisadores porque publicada em idioma estrangeiro e, por isso, invisível nos catálogos das bibliotecas, ela tem aparecido graças aos diferentes projetos de digitalização das grandes instituições encarregadas da preservação do patrimônio nacional de países como os Estados Unidos, México, Brasil, Austrália e França. As iniciativas são muitas, revelando a responsabilidade dos órgãos públicos, das bibliotecas, das universidades e também das associações particulares. No auge desse movimento de “ocerização”<sup>2</sup> da imprensa, os Estados Unidos viram florescer uma miríade de *sites* de dados, com acesso gratuito ou pago, que possibilitam a consulta, parcial ou completa, de arquivos e de jornais. E cada vez mais os periódicos locais publicados em língua estrangeira têm sido incluídos nesses projetos. Para dar alguns exemplos emblemáticos, a *Library of Congress* oferece, no *site* “Chronicling America”, alguns títulos em espanhol, italiano, francês e alemão, e a University of Massachusetts Dartmouth disponibilizou na internet jornais lusófonos.<sup>3</sup> As sociedades de bancos de dados *Proquest* e *Readex* também aumentaram seus catálogos, a primeira apresentando uma seleção de periódicos étnicos recentes reunidos na seção “*Ethnic Newswatch*”, e a segunda permitindo o acesso tanto à imprensa hispânica estadunidense na coleção “*Hispanic American Newspaper, 1808-1980*”, quanto a

<sup>1</sup> Tradução de Marília Garcia.

<sup>2</sup> Neologismo que vem da sigla em inglês OCR – “*Optical Character Recognition*”, que designa a ação de transformar imagens através da digitalização de livros, revistas, jornais em textos editáveis no Word. (Nota da tradutora.)

<sup>3</sup> Cf.: <<http://chroniclingamerica.loc.gov/>> e <<http://library.umassd.edu/PAA/portuguese-american-digital-newspaper-collections>>.

vários outros grupos de imigrantes na série “*Ethnic American Newspapers from the Balch Collection, 1799-1971*”.<sup>4</sup> Não faria sentido levantar aqui uma lista exaustiva de todos os projetos de digitalização em curso nos Estados Unidos e no resto do mundo, contudo esse fenômeno está em plena expansão e evidencia a existência de incontáveis publicações nos formatos os mais diversos.<sup>5</sup> Essa profusão de impressos mostra que a maioria das publicações nacionais são plurilíngues, qualquer que seja a época. A escolha por publicar em um idioma estrangeiro não se trata de algo excepcional, mas responde a necessidades de naturezas bem diversas. Assim, independentemente da língua materna de quem financia e do lugar em que são publicadas, algumas revistas optam pelo francês, pelo inglês, pelo espanhol ou pelo árabe com a intenção de veicular conteúdos específicos pelo mundo todo nos domínios diplomático, político, econômico e científico.<sup>6</sup> A escolha do idioma nunca é, de fato, algo anódino; antes, revela um desejo dos redatores por transmitir um discurso alternativo ou de endereçá-lo a um público definido, ao mesmo tempo dentro e fora dos países de publicação. É claro que

<sup>4</sup> Cf.: <[http://www.proquest.com/products-services/ethnic\\_newswatch.html](http://www.proquest.com/products-services/ethnic_newswatch.html)>, <<http://www.readex.com/content/american-ethnic-newspapers>>.

<sup>5</sup> A extensão do fenômeno é impressionante. Assim, a Biblioteca Nacional da França começou simultaneamente a digitalizar os periódicos alófonos surgidos na França e os periódicos franceses publicados fora do país. Alguns já estão disponíveis para consulta no site Gallica (<<http://gallica.bnf.fr/html/und/presse-et-revues/presse-et-revues>>). Os periódicos étnicos australianos estão disponíveis no site da *National Library of Australia* (<<http://trove.nla.gov.au>>). Na Itália, o site da Emeroteca Braidense, dedicado à imprensa nacional, dá acesso aos periódicos em italiano impressos em outros países (<<http://emeroteca.braidense.it>>). Cabe lembrar o notável projeto do Centro de Estudos Alexandrinos (Cealex, USR3134) sobre a imprensa francófona no Egito, disponibilizado por pesquisadores de coleções raríssimas (<<http://www.cealex.org/pfe/index.php>>). Por fim, além das bibliotecas e universidades, diferentes centros de documentação e arquivos pertencentes a instituições privadas, inclusive políticas, revelam ao público arquivos quase impossíveis de encontrar de outro modo. É o caso do Archivo Electrónico Ricardo Flores Magón que oferece a totalidade do periódico semanal revolucionário mexicano *Regeneración*, surgido no México, depois nos Estados Unidos, em espanhol e em italiano (<<http://archivomagon.net/periodicos/>>).

<sup>6</sup> Os pesquisadores do grupo Transfopress contribuíram para dar destaque a esse aspecto. Ver as comunicações ainda inéditas do seminário Transfopress Europe: <<https://uvsq.academia.edu/TRANSFOPRESSNetwork/TRANSFOPRESS-SEMINARS>>. Ver também: COOPER-RICHET, Diana. La presse britannique dans le Paris de la première moitié du XIX<sup>e</sup> siècle: modèle et vecteur de transferts culturels. In: MOLLIER, Jean-Yves, REGNIER, Philippe; VAILLANT, Alain (Org.). *La production de l’immatériel: théories, représentations et pratiques de la culture au XIX<sup>e</sup> siècle*. Saint-Etienne: Publications de l’Université de Saint-Etienne, 2008. p. 115-129.

o jornalismo dito “étnico” e resultante de fluxos migratórios mundiais encontra-se na origem de uma grande parte da imprensa alóфона; este artigo busca realizar um levantamento de sua situação, a fim de mostrar como o estudo dessa imprensa é essencial para a compreensão não só da história da imigração, como também das imprensas nacionais.

## I. A IMPRENSA ÉTNICA À MARGEM DA MARGEM

Com exceção de alguns trabalhos precursores de caráter geral<sup>7</sup> (produzidos, sobretudo, nos Estados Unidos e na Austrália) e de raras obras dedicadas a grupos étnicos específicos,<sup>8</sup> o jornalismo de diferentes comunidades de imigrantes no mundo só bem raramente – até os últimos anos – tem sido objeto de um estudo sério. Por quê? Em primeiro lugar, porque a imprensa étnica encontra-se duplamente à margem: à margem da história da imprensa, que por sua vez está à margem da história do livro; e também à margem da história da imigração, que está à margem da história nacional. Além disso, a imprensa étnica é pouco estudada porque se situa no cruzamento de diversas disciplinas: história, sociologia, ciências políticas, ciências da comunicação e das mídias. Às vezes ela parece escorregadia, porque sua definição é variável. Desse modo, ela faz parte da categoria mais geral da imprensa em língua estrangeira, que compreende também as notas

<sup>7</sup> Cf. PARK, Robert E. *The immigrant press and its control*. New York: Harper, 1922; HANSEN, Marcus L. The history of American immigration as a field for research. *The American Historical Review*, n. 32, v. 3, p. 500-518, abr. 1927; *The Chicago Foreign Language Press Survey*. Chicago, Illinois: Chicago Public Library Omnibus Project, Work Projects Administration, 1942; HUNTER, Edward. *In many voices: our fabulous foreign-language press*. Norman Park: Norman College, 1960; FISHMAN, Joshua et al. *Language loyalty in the United States: the maintenance and perpetuation of non English mother tongues by American ethnic and religious groups*. The Hague: Mouton, 1966; WYNAR, Lubomyr R.; WYNAR, Anna T. *Encyclopedic directory of ethnic newspapers and periodicals in the United States*. Littleton, Colorado: Libraries Unlimited, 1976; HARZIG, Christiane; HOERDER, Dirk (Org.). *The press of labor migrants in Europe and North America: 1880s to 1930s*. Bremen: Universität Bremen, 1985; HARZIG, Christiane; HOERDER, Dirk (Org.). *The immigrant labor press in North America: an annotated bibliography*. Westport: Greenwood Publishing Group, 1987. 3 v.; MILLER, Sally M. *The ethnic press in the United States: a historical analysis and handbook*. Westport: Greenwood Press, 1987; GILSON, Miriam e ZUBRZYCKI, Jerzy. *The foreign-language press in Australia, 1848-1964*. Canberra: Australian National University Press, 1967; ATA, Ibrahim Wade; COLIN, Ryan. *The ethnic press in Australia*. Melbourne: Academia Press and Footprint Publications, 1989.

<sup>8</sup> Ver a bibliografia elaborada por Géraldine Poels: <<https://www.academia.edu/10068731/Bibliography>>.

dos viajantes, os jornais publicados no estrangeiro, os periódicos científicos, as revistas literárias, a imprensa local de lugares próximos, os boletins de informação destinados aos estrangeiros e a imprensa de exílio. Ao mesmo tempo, a imprensa étnica escapa dessa categoria para englobar uma realidade mais ampla do que a imprensa em língua estrangeira. De fato, a imprensa étnica costuma abranger, nos Estados Unidos, a imprensa dos imigrantes, às vezes chamada de “imprensa comunitária”, a imprensa das gerações seguintes, a das minorias “raciais”, como os afro-americanos, e a dos povos “indígenas”, como os ameríndios. Esse tipo de categorização também ocorre com frequência na Austrália. Na Europa, alguns incluem nela a imprensa regional em dialetos (basco, bretão, alsaciano...)<sup>9</sup>.

GRÁFICO 1 - IMPRENSA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA.



<sup>9</sup> Ver a “Liste des publications périodiques des associations de groupes minoritaires en France”, redigida pelo Groupement pour le Droit des Minorités (GDM) e publicada na seção “National Reports” do site EMTEL II Research, no âmbito do projeto “Diasporic Minorities and their Media in the EU: a Mapping” dirigido por Myria Georgiou. Esta lista, que na verdade descreve pouco as mídias étnicas francesas, inclui os boletins do Cercle Alsacien de Paris ou da Association Régionaliste Poitevine: <<http://www.lse.ac.uk/media@lse/research/EMTEL/minorities/reports.html>>.

Como o objetivo deste artigo é tratar da imprensa em língua estrangeira, vamos nos referir aqui apenas aos jornais de imigrantes e de seus descendentes, publicados em suas línguas maternas ou em versão bilíngue. Apesar disso, mesmo adotando esse recorte, cabe reconhecer que a imprensa étnica responde a uma variedade infinita de nomes que revelam, ao mesmo tempo, a função que lhes é dada e o lugar que as sociedades multiculturais lhes atribuem, indo de uma postura inclusiva até uma de rejeição. A complexidade desse estatuto pode ser resumida no esquema a seguir:<sup>10</sup>

GRÁFICO 2 - NOMEANDO A IMPRENSA ÉTNICA: DIFERENÇAS DE PERSPECTIVAS.



Escritos em uma língua diferente da língua oficial do país em que são produzidos, os periódicos étnicos inscrevem-se em uma relação de dualidade com as mídias ditas dominantes (“*mainstream*”), integrando o panorama da imprensa nacional desse país. Além disso, eles pertencem a uma rede mais complexa, que

<sup>10</sup> O esquema retoma os termos utilizados em inglês e em francês para definir a imprensa étnica, o quadro de análise desta última, tendo sido levantado inicialmente pelos pesquisadores americanos.

engloba não apenas o lugar de origem das comunidades que lhes dão vida, mas também os demais países de chegada dos imigrantes da mesma nacionalidade.

Portanto, o caráter escorregadio da imprensa em língua estrangeira com frequência constitui um obstáculo ao seu estudo. Contudo, se na França a imprensa resultante da imigração permanece ainda um campo a ser explorado<sup>11</sup> (e isso apesar da existência de inúmeros periódicos), não se passa o mesmo nos Estados Unidos, no Canadá, no Brasil ou na Grã-Bretanha, em que o jornalismo étnico, na era da globalização, é cada vez menos percebido como um fenômeno marginal e onde se multiplicam, desde o fim dos anos 1990, teses, manuais de jornalismo e obras dedicadas em parte ou inteiramente ao assunto.<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Deve-se observar, contudo, a iniciativa da Association Génériques, que realizou uma exposição itinerante sobre o tema, com a colaboração da Bibliothèque de Documentation Internationale Contemporaine (BDIC) e que gerou a publicação: *Presse et mémoire: France des étrangers, France des libertés*. Paris: Mémoire-Génériques éd.: Ed. Ouvrières, 1990.

<sup>12</sup> Além da bibliografia já mencionada de Géraldine Poels, quanto aos Estados Unidos e à Itália cabe citar as seguintes obras:

– Estados Unidos: CONOLLY-SMITH, Peter. *Translating America: an ethnic press and popular culture, 1890-1920*. Washington, D.C.: Smithsonian Books, 2004; RHODES, Leora. *The ethnic press: shaping the American dream*. New York: Peter Lang, 2010; LOVOLL, Odd Sverre. *Norwegian newspapers in America: connecting Norway and the new land*. Saint Paul: Minnesota Historical Society, 2010; CHADOVA, Elena. *Between the eagle and the bear: coverage of U.S.-Russian foreign policy disputes in Russian ethnic media in the United States*. Sarrebruck: VDM Verlag, 2010; ZECKER, Robert M. *Race and America's immigrant press: how the Slovaks were taught to think like white people*. New York: Continuum, 2011; VELLON, Peter. *A great conspiracy against our race: Italian immigrant newspapers and the construction of whiteness in the early 20<sup>th</sup> Century*. New York: NYU Press, 2014; JAROSZYŃSKA-KIRCHMANN, Anna D. *The Polish Hearst: Ameryka-Echo and the public role of the immigrant press*. Urbana-Champaign: University of Illinois Press, 2015.

– Itália: SERGI, Pantaleone. *Stampa migrante: giornali della diaspora italiana e dell'immigrazione in Italia*. Soveria Mannelli: Rubbettino, 2010; TRENTO, Angelo. *La costruzione di un'identità collettiva: storia del giornalismo in lingua italiana in Brasile*. Viterbo: Sette Città, 2011; BRONDINO, Michele. *La presse italienne en Tunisie: histoire et société, 1868-1956*. Paris: Publisud, 2005; BERTAGNA, Federica. *La stampa italiana in Argentina*. Roma: Donzelli, 2009; SERGI, Pantaleone. *Patria di carta: storia di un quotidiano coloniale e del giornalismo italiano in Argentina*. Cosenza: Pellegrini, 2012; SERGI, Pantaleone. *Storia della stampa italiana in Uruguay*. Fondazione Italia nelle Americhe, 2014.

Observe-se também o manual: MATSAGANIS, Matthew D.; KATZ, Vikki S.; BALL-ROKEACH, Sandra J. (Org.). *Understanding ethnic media: producers, consumers, and societies*. Thousand Oaks, California: Sage, 2010, bem como três obras recentes que trazem capítulos sobre a imprensa étnica, num contexto mais global: COTTLE, Simon. *Ethnic minorities and the media: changing cultural boundaries*. Filadélfia: Open University Press, 2000; SIAPERA, Eugenia. *Cultural diversity and global media: the*

## 2. UMA FONTE DE INFORMAÇÃO FUNDAMENTAL PARA O ESTUDO DOS GRUPOS ÉTNICOS

Do ponto de vista da História e da Sociologia, a imprensa alóфона representa uma fonte de informação fundamental sobre os grupos étnicos. O sociólogo Robert Park foi um dos primeiros a sublinhar o seu potencial, embora tenha sido no contexto específico dos anos que se seguiram à Primeira Guerra Mundial.<sup>13</sup> Seu livro dedicado ao tema, *The immigrant press and its control*, é representativo das pesquisas da Escola de Chicago e permanece, ainda hoje, como uma obra de referência, apesar de se posicionar claramente em favor do controle dos jornais em língua estrangeira. Na mesma época, o historiador Marcus Lee Hansen se interessou também por essa imprensa, pois ele a via como uma ferramenta de decifração que permitiria compreender as inclinações literárias, culturais e políticas das comunidades de imigrantes.<sup>14</sup> Mais tarde, os pesquisadores contratados pela Work Projects Administration para preparar um retrato sociológico dos Estados Unidos insistiram, por sua vez, na importância dos jornais étnicos.<sup>15</sup> Eles julgavam ser indispensável analisá-los para ter acesso a uma parte ainda desconhecida da história urbana do país, a dos bairros de imigrantes. Num relatório de 1942 sobre a cidade de Chicago, pode-se ler o seguinte:

Neste momento, os historiadores, sociólogos, jornalistas e escritores tentam estudar o tecido social de Chicago. Para essas pessoas, está claro que, para compreender por que Chicago é o que é hoje em dia e como se tornou assim, é preciso – entre outras coisas – mergulhar nos documentos

mediation of difference. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010; RIGONI, Isabelle; SAITTA, Eugénie (Org.). *Mediating cultural diversity in a globalised public space*. New York: Palgrave Macmillan, 2012.

<sup>13</sup> PARK, Robert E. *The immigrant press and its control*.

<sup>14</sup> HANSEN, Marcus Lee. The history of American immigration as a field for research. *American Historical Review*, v. 32, p. 500-518, 1926-1927.

<sup>15</sup> Criada em 1935 pelo governo de Franklin Delano Roosevelt, no âmbito do *New Deal*, o *Works Progress Administration* (que virou *Work Projects Administration* em 1939) tinha a função de empreender grandes obras públicas, nas quais eram também incluídos projetos culturais e sociológicos.

escritos por vários grupos alófonos da cidade. Talvez o tipo de documento mais importante seja o jornal em idioma estrangeiro.<sup>16</sup>

É verdade que os jornais étnicos constituem uma fonte fundamental; porém, como todos os outros, incluindo a imprensa “dominante” (“mainstream”), eles narram uma história ao mesmo tempo parcial e parcializada. Assim, como lembra Tania Regina de Luca, os fundos de periódicos não podem ser considerados como meros “receptáculos de fatos e de ideias” que permitiriam validar as hipóteses dos historiadores.<sup>17</sup> Apesar disso, analisada com a distância necessária, é certo que a imprensa étnica permite completar a história nacional imprimindo-lhe um sentido novo e contando a história de minorias que por tanto tempo permaneceram inaudíveis. Em uma entrevista concedida ao jornal hispanoamericano *La Opinión*, Nicolás Kanellos, especialista na imprensa hispanófono nos Estados Unidos, explica:<sup>18</sup>

A imprensa hispânica teve um papel importante ao produzir uma crônica da vida dos latinos que, durante muitos anos, não eram levados em conta fora da imprensa em língua espanhola. O jornalismo latino amplia e transforma a história deste país em algo mais completo, mais verdadeiro, porque nós, os latinos, participamos de cada momento da história, e a prova está ali.<sup>19</sup>

<sup>16</sup> THE CHICAGO foreign language press survey. Chicago, Illinois: Chicago Public Library Omnibus Project, Work Projects Administration, 1942, p. 2. “There are at the present moment historians, sociologists, journalists and writers who are actively engaged in studying the social fabric of Chicago. It is clear to these persons that to understand why Chicago is what it is today and how it came to be so, they must, among other things, dig into the written records of the many foreign language groups of the city. Perhaps for this purpose the most important type of record is the foreign language newspaper.”

<sup>17</sup> LUCA, Tania Regina de. L'utilisation des fonds périodiques: réflexions méthodologiques pour un nouvel espace de l'historiographie brésilienne. *Matériaux pour l'Histoire de Notre Temps*, n. 103, p. 39, 2011/3.

<sup>18</sup> Ver principalmente: KANELLOS, Nicolás e MARTELL, Helvetia. *Hispanic periodicals in the United States, origins to 1960: a brief history and comprehensive bibliography*. Houston, Texas: Arte Público Press, 2000.

<sup>19</sup> Nicolás Kanellos, entrevistado por Carlos Avilés em: Voces por la justicia: un trabajo de 200 años. *La Opinión*, 2 out. 2009, p. 1. “Los medios hispanos han jugado un papel muy importante al ofrecer una crónica de la vida de los latinos, que por muchos años no se contaba fuera de los medios en español. [...] El periodismo latino amplifica y cambia la historia de este país en algo más completo y más verdadero, porque los latinos hemos participado en cada momento de la historia, y ésta es la prueba.”

As observações de Kanellos ilustram uma reflexão militante conduzida de diversas formas, principalmente no projeto *Voices for Justice: The Enduring Legacy of the Latino Press in the US*, que tem por objetivo dar aos periódicos dos imigrantes o lugar que eles merecem dentro da imprensa nacional.<sup>20</sup> De fato, as exposições e conferências que destacam esse patrimônio como fundo documental se multiplicam e não apenas na América do Norte. No Brasil, o Memorial do Imigrante (que se tornou Museu da Imigração) recebeu em 2010 uma exposição chamada “A imprensa imigrante em São Paulo”, que tinha por objetivo oferecer “a oportunidade de [se] conhecer como eram produzidos os periódicos do século XIX e a trajetória de diversos jornais e revistas que tiveram e ainda possuem importantes influências políticas, sociais e culturais na sociedade paulista”.<sup>21</sup> Tais iniciativas são importantes não só por contribuírem para a preservação das fontes primárias, durante tanto tempo ameaçadas pela negligência com que foram tratadas, mas também porque elas permitem que as diferentes comunidades de imigrantes ressuscitem a riqueza de um percurso do qual somente a imprensa alófona conservou os rastros, mostrando como o jornalismo étnico também atua na elaboração da história mais geral do país de chegada.

### 3. UM ESPAÇO LINGÜÍSTICO COMPLEXO

“Por que existe uma imprensa alófona?”, essa é a pergunta que Robert Park faz para si mesmo desde 1922. Para tentar encontrar uma resposta, ele insiste na importância da língua como veículo identitário de toda comunidade, explicando que ela é “a base natural” da “organização humana” e um traço de união entre as populações estrangeiras que foram se instalar nos Estados Unidos. Ele

<sup>20</sup> O documentário, realizado em 2008 pelo College of Ethnic Studies da Universidade de São Francisco, está acessível no seguinte endereço: <<https://diva.sfsu.edu/collections/coes/bundles/218249>>.

<sup>21</sup> Assessoria de Imprensa Sec, “A imprensa imigrante em São Paulo”, 28 de janeiro de 2010. Disponível em: <<http://www.cultura.sp.gov.br/portal/site/SEC/menuitem.a943691925ae6b24e7378d27ca60c1a0/?vgnnextoid=471497a981176210VgnVCM2000004d03c80aRCRD&vgnnextchannel=338afbe356338010VgnVCM1000001c79410aRCRD#.VUPeApOSxVd>>. Acesso em: 2 jun. 2015. A exposição resultou na publicação de um livro: SOUZA, Marcelo Cintra (Org.). *A imprensa imigrante: trajetória da imprensa das comunidades imigrantes em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Memorial do Imigrante, 2010.

associa, desse modo, língua e pertencimento nacional, duas razões de ser da imprensa de imigrantes. Em suma, os periódicos étnicos seriam um território linguístico virtual, respondendo à necessidade visceral dos imigrantes de manter o contato, tanto entre si quanto com seu patrimônio cultural. Na passagem para o século XX, a necessidade de preservar esse laço efetivamente se fazia sentir, na medida em que, segundo Park, não havia em Nova York nenhum grupo, “por menor que fosse, que não publicasse um jornal ou qualquer outro periódico” em sua língua.<sup>22</sup>

É na língua materna – mantida viva pela imprensa alófona – que os leitores encontram “um porto seguro em um ambiente totalmente estrangeiro”, observa o historiador Carl Wittke.<sup>23</sup> Essa função de reconfortar não é tão secundária quanto parece. O periódico étnico, falando a língua do imigrante, mantém por esse motivo mesmo uma relação orgânica com seu público leitor. O linguista Joshua Fishman sustenta – não sem razão – que aquilo que ele chama de “língua amada” (“*beloved language*”), e que com frequência qualificamos de “materna”, ganha corpo, transcendendo o estado de abstração, para se tornar quase um ser de carne e osso.<sup>24</sup> Na literatura de imigrantes, o lugar concedido ao jornal – emblema, garantia e apoio da língua materna, no sentido pleno da palavra – é, de fato, o de um membro da família, que consola, mas que é preciso proteger.

Contudo, o jornal dos imigrantes – mesmo que tenha como pretensão ser o defensor de uma língua ameaçada – é um espaço linguístico complexo e, ao mesmo tempo, hermético e poroso. No fim do século XIX, a língua “defendida”

<sup>22</sup> “The mother tongue is the natural basis of human association and organization”, “In the city of New York, at any rate, there is, so far as can be learned, no language group is so insignificant that it does not maintain a printing press and publish some sort of periodical.” PARK, Robert. *Immigrant press and its control*, p. 5, 8.

<sup>23</sup> WITTKÉ, Carl. *The German-language press in America*. Lexington: University of Kentucky Press, 1957. p. 4.

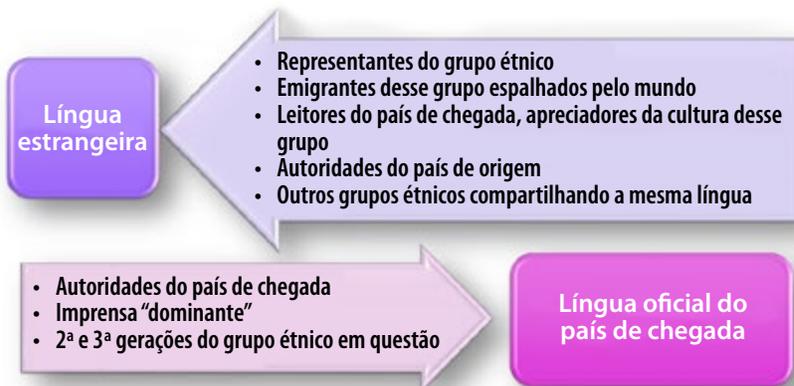
<sup>24</sup> “The sense of responsibility for the beloved language frequently makes use of an anthropomorphic metaphor with respect to the twinned language-and-people. Such references, often deeply intermixed with sanctity and kinship references as well, present the beloved language as if it were a palpable flesh-and-bone entity, indeed ‘flesh of our flesh and bone of our bone’. The beloved language is not an abstraction, any more than is a mere ‘vehicle of communication’. It is a repeatedly viewed as living, breathing ‘next of kin’, whose pains and joys are empathically felt throughout the language-conscious speech community and whose sorrows, in particular, demand redress”. FISHMAN, Joshua. *In praise of the beloved language: a comparative view of positive ethnolinguistic consciousness*. Berlim: Mouton de Gruyter, 1997. p. 91.

nesse espaço muitas vezes se distinguia, de fato, da língua praticada no país de origem. Por um lado, ela raramente alcançava a qualidade que se podia esperar de um instrumento de preservação linguística, devido à formação em geral limitada – para não dizer inexistente – de muitos jornalistas. Por outro, naquela época, assim como hoje, a realidade do país de chegada acabava sempre se impondo e cruzando a língua estrangeira com um jargão que ficavam bem no meio, entre a língua de origem e a da sociedade de chegada.<sup>25</sup> Enfim, a língua que de fato era falada pelos imigrantes mais frequentemente se constituía como um dialeto regional. Os jornais étnicos ora escolhiam abstrair completamente esse aspecto, para favorecer uma unidade linguística (com intenção política), ora dar-lhe um espaço limitado, em seções esporádicas, para satisfazer uma parte de seus leitores, marginalizando a escrita dialetal. No caso dos periódicos hispânicos ou árabes, às vezes observa-se também uma padronização da língua, com o objetivo de apagar as especificidades de cada variante nacional e, assim, alcançar um público mais amplo, que permita que os leitores oriundos de diferentes países, mas de base linguística comum, se reconheçam nessa imprensa.

Por fim, as páginas dos jornais alófonos se abrem muitas vezes para a língua do país de chegada, mesmo que apenas em algumas colunas. As publicações bilíngues não são raras, e mesmo os artigos apresentados como “traduzidos” de um ou outro idioma diferem no tom, no estilo, no enfoque e, às vezes, no conteúdo. Tal fato não surpreende, uma vez que a língua é escolhida com o propósito de estabelecer uma comunicação com um público determinado. E o discurso pode variar em função do público ao qual se destina, especialmente nos períodos de crise ou de tensões geopolíticas.

<sup>25</sup> No caso do italiano “mestiço” utilizado pelos jornais ítalo-americanos, ver: HALLER, Herman. *Una lingua perduta e ritrovata: l'italiano degli italo-americani*. Florença: La Nuova Italia, 1993; HALLER, Herman. Linguistic interference in the language of *Il Progresso Italo-Americano*. *Italian Americana*, v. 5, n. 1, p. 55-67, Fall / Winter 1979.

GRÁFICO 3 - ESCOLHA LINGUÍSTICA: UMA LÍNGUA PARA CADA PÚBLICO.



No caso da imprensa bilíngue, os artigos escritos na língua do grupo étnico (que, para os descendentes dos imigrantes, não é mais a “língua materna”) propõem uma versão elaborada para os leitores, englobando não apenas os imigrantes e seus descendentes, mas também os migrantes de mesma origem dispersos pelo mundo, as autoridades do país de origem e os xenófilos letrados, apreciadores da cultura estrangeira. Em contrapartida, os artigos escritos na língua oficial do país de chegada buscam interagir com as segunda e terceira gerações de imigrantes, a imprensa e as autoridades locais. O caráter estratégico da escolha linguística e a complexidade dos desafios em jogo devem ser assim considerados em qualquer análise acerca desse tipo de imprensa, a fim de perceber as sutilezas e eventuais contradições nos pontos de vista de seus redatores.

#### 4. CANAL DE INFORMAÇÃO PRIVILEGIADO SOBRE O PAÍS DE ORIGEM

Como os jornais nacionais dedicam somente uma parte mínima do seu espaço às notícias vindas de fora, a imprensa étnica sempre teve o papel, junto aos imigrantes, de canal privilegiado de informações sobre a terra natal (ou a terra de seus ascendentes). No fim do século XIX, embora a circulação de

periódicos pelo mundo fosse um fenômeno relativamente comum, o acesso à imprensa estrangeira não era tão simples, sobretudo fora dos meios diplomáticos e aristocráticos. Além disso, com exceção dos exilados políticos, geralmente advindos de camadas sociais mais favorecidas, nem todos os imigrantes tinham o hábito de comprar jornal em sua pátria de origem, e a condição social deles por vezes os restringia ao analfabetismo. Muitos deles só se tornam leitores da imprensa em geral e da imprensa étnica em particular no país de chegada, e isso se deve sobretudo ao fato de estarem ávidos por informações sobre a terra que deixaram. Mesmo que essas notícias não fossem fresquinhas, elas respondiam à busca nostálgica de um público leitor desejoso por manter contato com um lugar distante e perdido. Seria de se supor que o desenvolvimento dos transportes e o surgimento de novas tecnologias de comunicação, como a internet, marcariam o fim do jornalismo étnico, ao menos no que diz respeito a essa função. Contudo, isso ocorreu apenas em parte. Embora a oferta midiática seja hoje em dia mais variada e acessível do que no fim do século XIX, os diferentes grupos étnicos permanecem ligados às suas mídias comunitárias – incluindo nisso a imprensa. Um estudo canadense de 2010, que investigou as práticas de comunicação dos italianos, haitianos e magrebinos instalados na região de Montreal, revela que cerca da metade dos entrevistados declararam estar vinculados às mídias de sua comunidade.<sup>26</sup> Nos Estados Unidos, uma pesquisa semelhante realizada na Califórnia cinco anos antes também mostra que os hispano-americanos, árabes-americanos e asiáticos entrevistados confiam mais em suas próprias mídias do que na imprensa “dominante” americana, quando desejam se informar sobre as questões relativas aos seus países de origem ou às suas comunidades.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> MILLETTE, Josianne; MILLETTE, Mélanie; PROULX, Serge. *Attachement des communautés culturelles aux médias: le cas des communautés haitienne, italienne et maghrébine de la région de Montréal*, résumé exécutif. Montréal: Universidade do Québec em Montréal, 2010. p. 17. Os números exatos são os seguintes: 52% para os italianos, 49 % para os haitianos e 42% para os magrebinos.

<sup>27</sup> BENDIXEN & Associates, New California Media. *The ethnic media in America: the giant hidden in plain sight*. San Francisco: New California Media, 2005. p. 38.

GRÁFICO 4 - MÍDIAS MAIS CONFIÁVEIS.



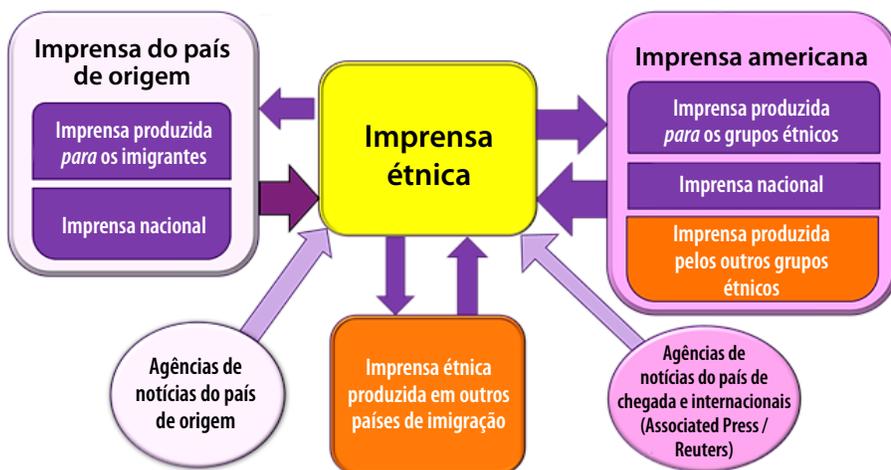
Daí vem o interesse em analisar a circulação de informações entre a imprensa étnica e os outros meios de comunicação. Desse modo, parece – ao contrário do que em geral se imagina – que os jornais produzidos pela imigração não são apenas receptáculos de informações copiadas ou tiradas de seus colegas da imprensa “dominante” (nacional e internacional); ao contrário, eles contribuem para alimentar esta última. Em uma época em que os jornalistas das grandes redes de jornais nacionais dispõem cada vez menos de tempo e recursos para o trabalho de campo, eles chegam a solicitar – como já era o caso, aliás, desde o século XIX, com os exilados das revoluções europeias – seus colegas da imprensa étnica, a fim de obter esclarecimentos sobre um contexto internacional de cujas informações normalmente estão privados.

Por exemplo, Osama Siblani, diretor da publicação bilíngue *The Arab American*, relata que, durante o desvio de rota de um avião da TWA em Beirute em 1985, a imprensa local americana recorreu à sua *expertise* para realizar a cobertura do acontecimento. Na época, o jornal de Siblani tinha acabado de ser criado e o seu conhecimento do mundo árabe era oportuno, pois “pela primeira vez, os meios locais tinham uma fonte na qual podiam confiar, para conhecer a perspectiva das pessoas do país sobre o acontecimento.”<sup>28</sup> Curiosamente, nesse tipo de situação, é

<sup>28</sup> SIBLANI, Osama A.; SIBLANI, M. K. The rise of minority media. *Quill*, p. 30, out. 2007.

o jornal imigrante que vem substituir – ou completar – o ponto de vista de um observador que esteja no local. Ele se torna, assim, uma autoridade na matéria, uma fonte legitimada de informação, apesar de estar ele próprio também afastado da realidade do país de origem, podendo, por isso, apresentar um ponto de vista parcial, justamente o das comunidades de expatriados ou de grupos políticos partidários. Porém, os jornalistas étnicos, cada vez mais ligados aos meios dominantes, são chamados para serem consultores dos grandes órgãos da imprensa local, e às vezes são até mesmo recrutados para trabalhar nela.

GRÁFICO 5 - FONTES DE INFORMAÇÃO.



## 5. UM INSTRUMENTO DE REPRESENTAÇÃO IDENTITÁRIA E DE COESÃO SOCIAL

Se a imprensa “dominante” dedica apenas uma parte bastante limitada do seu espaço às informações internacionais, isso não é diferente em relação às informações sobre os imigrantes, a não ser que se trate de mencionar eventuais atividades de delito. As análises que sublinham o problema da sub-representação dos grupos étnicos nas mídias e a urgência em remediá-lo se multiplicam,

independentemente do país de chegada.<sup>29</sup> Nos Estados Unidos, por exemplo, os hispânicos denunciam sua “invisibilidade” midiática, ou ainda a “representação negativa” da qual eles são o objeto, julgando-a nefasta tanto para a sua comunidade quanto para a sociedade americana em geral.<sup>30</sup> O fenômeno não é novo e levanta a questão do papel exercido pela imprensa na construção de uma imagem estereotipada do imigrante ou de seus descendentes. O sociólogo Marco Binotto lembra-se de que as mídias “definem as dimensões, os limites e as modalidades de relação com nossos ‘vizinhos’”, contribuem para formar os “espaços nacionais”, dos quais o estrangeiro é excluído, e determinam a fronteira entre “o que é inofensivo e o que é perigoso”. Nesse processo, elas atuam na criação de arquétipos e constroem a imagem do imigrante como um “inimigo”.<sup>31</sup>

Como explica Simon Cottle, “as minorias étnicas” tentam, desse modo, resistir a essas “identidades impostas”, fabricadas pelas mídias “dominantes” e falsamente apresentadas aos leitores sob uma “forma factual e informativa”.<sup>32</sup> Elas lutam em duas frentes: de um lado, usam seu direito de resposta na imprensa nacional; e, de outro, criam seus próprios espaços midiáticos. Uma das principais funções da imprensa étnica é, portanto, “servir de caixa de ressonância às lutas autoidentitárias de determinados grupos” e de contribuir para a produção de um “nós” coletivo.<sup>33</sup> Desde o surgimento dos primeiros jornais em língua estrangeira, as diversas comunidades se expuseram no papel (e agora na internet), com o objetivo de serem apresentadas sob um enfoque ao mesmo tempo aceitável pela socie-

<sup>29</sup> Ver, por exemplo, para a Holanda: BINK, Susan. Equal participation of ethnic minorities in the media: the case of the Netherlands. In: BAILEY, Olga G.; GEORGIU, Myria; HARINDRANATH, Ramaswami. *Transnational lives and the media: re-imagining diasporas*. New York: Palgrave, 2007. p. 251-255; e para a França: BLION, Reynald et al. *La représentativité des immigrés au sein des médias: bilan et connaissances*. Paris: FASILD, jun. 2006.

<sup>30</sup> NAVARRETE, Liza; KAMASAKI, Charles. *Out of the picture: Hispanics in the media*. Washington, D. C.: National Council of La Raza, 1994. p. i-iv.

<sup>31</sup> BINOTTO, Marco. L’immigrazione e i media: dalla costruzione del nemico all’immaginario interculturale. In: COLELLA, Francesca; GRASSI, Valentina. *Comunicazione interculturale: immagine e comunicazione in una società multiculturale*. Milão: Franco Angeli, 2007. p. 74-95.

<sup>32</sup> COTTLE, Simon. *Ethnic minorities & the media: changing cultural boundaries*. Filadélfia: Open University Press, 2000. p. 2-8.

<sup>33</sup> RIGONI, Isabelle. Les médias des minorités ethniques: représenter l’identité collective sur la scène publique. *Revue Européenne des Migrations Internationales*, n. 26, v.1, p. 11, 2010.

dade de chegada e supostamente mais próximo da realidade vivida pelos seus representantes. Ainda que esse último aspecto possa às vezes ser questionável, é verdade que os periódicos étnicos trabalham para construir uma imagem positiva na qual os imigrantes possam se reconhecer e que contrastem com aquela criada pelas mídias dominantes. Aliás, geralmente é em reação à estereotipação, até mesmo à vitimização de seu grupo, que nascem os jornais dos imigrantes. Também um dos objetivos reivindicados costuma ser precisamente o de defender a reputação e os interesses de seus leitores.<sup>34</sup> Especialmente sensíveis a tudo o que as outras mídias publicam sobre as suas comunidades, eles continuam, ainda no século XXI, a se erguer em “sentinela contra as ameaças exteriores”, advertindo seu público dos perigos potenciais (como certos projetos de lei acerca da imigração, por exemplo) e incitando-o a se unir para combatê-los.<sup>35</sup> Produzindo barreiras de proteção e respondendo aos ataques lançados pelas mídias ou autoridades locais, a imprensa étnica pode reunir seus leitores em torno de ideias e de valores comuns – reais ou imaginários – reforçando a coesão social entre os representantes do grupo. No século XIX, assim como hoje, ela constitui um elemento essencial da construção identitária das primeiras gerações de imigrantes, cuja consciência nacional às vezes está em processo de formação.<sup>36</sup> No caso dos imigrantes asiáticos, hispanos e árabes, a imprensa étnica favorece o surgimento de uma identidade supranacional que possibilita às comunidades envolvidas uma interação com o país de chegada por meio da construção de *lobbies* políticos ou econômicos que ultrapassem a origem nacional única. Os jornais étnicos são ao mesmo tempo um lugar de fusão e de negociação de identidades intermediárias, regionais, nacionais e supranacionais. Enfim, o espaço que eles criam serve também como uma “caixa de descompres-

<sup>34</sup> Ver, por exemplo, o caso dos jornais sino-americanos: YIN, Xiao-Huang. Between the local and the global: characteristics of the Chinese-language press in America. *American Periodicals: a journal of history, criticism, and bibliography*, n. 19, v. 1, p. 49-65, 2009.

<sup>35</sup> VISWANATH, Kasisomayajula; ARORA, Pamela. Ethnic media in the United States: an essay on their role in integration, assimilation, and social control. *Mass Communication and Society*, n. 3, v. 1, p. 49, 2000.

<sup>36</sup> Pode-se lembrar do caso dos italianos, por exemplo, cujo país só foi unificado em 1861 e que se identificavam mais com sua região de origem do que com uma nação recentemente formada que alguns nem haviam conhecido.

são”, em que se opera uma passagem do sentimento de pertença a uma nação deixada para trás para uma ligação com o lugar de chegada.

## 6. UM OBJETO DE COBIÇA

Em 1944, Adolf Zucker dizia que a imprensa em língua estrangeira deveria ser estudada “pelos ideais que ela desejava promover ou implantar nos Estados Unidos.”<sup>37</sup> De fato, as ideias veiculadas pelos jornais resultantes da imigração sempre interessaram ou inquietaram tanto as instituições públicas quanto as organizações privadas dos países de origem e de chegada. O poder real ou imaginário que lhes creditamos os transformou, em certos momentos da história, em verdadeiros objetos de cobiça que eram procurados pelos governos e trustes industriais para obter favores, por meio da corrupção ou coação.<sup>38</sup> Nos Estados Unidos, os assistentes sociais foram os primeiros a ver – no final do século XIX – que os jornais étnicos poderiam ser uma espécie de cavalo de Troia para entrar em contato com as populações que não podiam ser alcançadas por outros meios.<sup>39</sup> Foram muitas as suas tentativas de colaborar com as publicações em língua estrangeira, com o objetivo de disseminar ali os valores americanos que supunham que os imigrantes deveriam absorver para poder se integrar. A imprensa étnica era então vista – e ainda é o caso hoje em dia – como uma ferramenta educativa, já que era bem controlada (para não dizer manipulada), ou como uma ameaça, já que ficava abandonada a si mesma, à sua própria fome de lucro, ou já que se deixava convencer a servir os interessees das potências estrangeiras. O modo como ela era tratada nos momentos de crise e, especialmente, ao longo das guerras, revela o grau de confiança da nação que a recebe em sua própria identidade nacional. Classicamente, os períodos de conflitos constituem fases críticas, durante as quais são postos à prova

<sup>37</sup> ZUCKER, Adolf E. The melting pot literature. *Comparative Literature Newsletter*, n. 2, v.7, p. 1, abr. 1944. (“The foreign language press should be studied for the ideals it wished to support or implant in the United States”).

<sup>38</sup> Podemos citar, por exemplo, o caso do governo de Benito Mussolini, que tentou utilizar os imigrantes italianos e seus órgãos de imprensa para disseminar a propaganda fora do país. Ver, entre outros, as obras acima citadas de Angelo Trento, Federica Bertagna e Pantaleone Sergi para o Brasil e Argentina. Para os Estados Unidos, ver: LUCONI, Stefano. *La “diplomazia parallela”: il regime fascista e la mobilitazione politica degli italo-americani*. Milan: Franco Angeli, 2000.

<sup>39</sup> ADDAMS, Jane. *Twenty years at Hull-House, with autobiographical notes*. New York: MacMillan, 1911. p. 238.

os ideais democráticos das sociedades multiculturais, a liberdade de imprensa e a integração das comunidades de imigrantes. As publicações alófonas concentravam a atenção na língua utilizada, que era estrangeira e, justamente por isso, impenetrável e potencialmente perigosa para quem não a compreendia.

Por exemplo, durante a Primeira Guerra Mundial, as autoridades estadunidenses tomaram consciência da grande quantidade de periódicos que haviam sido ignorados até então, porque acreditava-se que eles acabariam ao fim do processo de assimilação dos imigrantes. A sobrevivência de uma imprensa na língua de Goethe, considerando que os americanos de origem alemã vinham de uma imigração muito antiga, contradizia a ideia de um declínio inelutável da imprensa alófona e parecia inaceitável para os apóstolos do americanismo.<sup>40</sup> Segundo eles, uma população perfeitamente integrada, cuja chegada aos Estados Unidos remonta ao século XIX, não tinha nenhuma razão para manter jornais em língua estrangeira, a não ser que estivesse mal intencionada ou ainda a serviço de seu país de origem e, portanto, fosse uma imprensa desleal. Assim, o *Literary Digest* fazia a pergunta de modo direto: Devemos “acabar ou aproveitar a nossa imprensa alemã?”<sup>41</sup> A resposta trazida na revista *McClure*, assim como em algumas cadeiras do congresso, era clara, já que os jornais germanófonos não eram mais considerados simplesmente como uma imprensa alófona, mas como uma imprensa “em língua inimiga”: a revista afirmava, desse modo, que “o primeiro passo na direção da americanização da América estava na abolição da imprensa em língua estrangeira” e que seria preciso adotar o seguinte lema: “Jornais americanos para os americanos”.<sup>42</sup>

O presidente Woodrow Wilson tomou outra decisão e escolheu a técnica da instrumentalização, avaliando que era mais rentável colocar a imprensa a serviço do esforço de guerra – difundindo em suas páginas propaganda antigermânica e anúncios para a compra de títulos de guerra – do que eliminá-la. Dirigindo-se

<sup>40</sup> “One hundred per cent Americanism”. Nesta época de conflito, os setores mais conservadores do governo esperavam que as populações de origem estrangeira e seus descendentes dessem provas de sua lealdade se mostrando cem por cento americanos, isto é, esquecendo suas raízes e apoiando o esforço de guerra.

<sup>41</sup> TO KILL or use the german press? *Literary Digest*, p. 12, 11 maio 1918.

<sup>42</sup> BROWNE, Porter Emerson. Foreign language press. *McClure's Magazine*, Arizona Republican, p. 4, 5 maio 1918. (“It can be said without fear of successful controversion that the first step toward Americanizing America is the abolition of the foreign language press. “American News for American citizens” should be our motto. And it should be lived up to.”)

à imprensa germanófona, o chefe de Estado americano explicou sua posição nos seguintes termos: “Não considere a língua na qual você imprime seus periódicos como uma língua estrangeira, pois esses últimos são impressos nos Estados Unidos e para transmitir o pensamento americano”.<sup>43</sup> Vemos aqui as várias possibilidades de interpretação do conceito “língua estrangeira”, o que permite a Wilson passar de uma consideração de ordem linguística a uma consideração de ordem ideológica. A partir desse momento, as publicações em outros idiomas passam a ser submetidas a um controle constante por parte das autoridades, primeiro pelo *Committee on Public Information*, dirigido por George Creel durante a guerra, depois por outras instituições, tais como o *Foreign Language Information Service*, nos anos 1920.<sup>44</sup> Se o caso dos Estados Unidos é exemplar, encontramos mecanismos comparáveis em muitos outros países, incluindo a Austrália. As guerras que se seguiram produziram os mesmos efeitos, tanto que o apoio de determinados grupos étnicos a seus países de origem contribuiu para gerar certa suspeita face às publicações em língua estrangeira. Assim, a posição dos jornais de língua árabe publicados nos países ocidentais tornou-se bem delicada desde o 11 de setembro de 2001.

É preciso lembrar que esse controle da imprensa étnica não foi um privilégio exclusivo dos países de chegada. Os arquivos diplomáticos mostram os esforços dos cônsules para esquadrinhar os jornais publicados pelos seus cidadãos assim como os requerimentos dos editores dessas publicações para obter um apoio financeiro por parte do governo de seu país de origem.

A prática, amplamente generalizada, perdura até hoje, como mostram os dois milhões de euros destinados em 2012 pelo Estado italiano para as publicações em língua italiana pelo mundo (em todos os países de difusão).<sup>45</sup> Para justificar um investimento como esse, o deputado Franco Narducci lembrou que a imprensa

<sup>43</sup> WILSON, Woodrow. American foreign language publications. *Täglicher Telegraph und Tribüne*, 11 maio 1918, p. 3. (“You should not regard the language in which you print your periodicals as a foreign language when printed in America for the conveyance of American thinking.”).

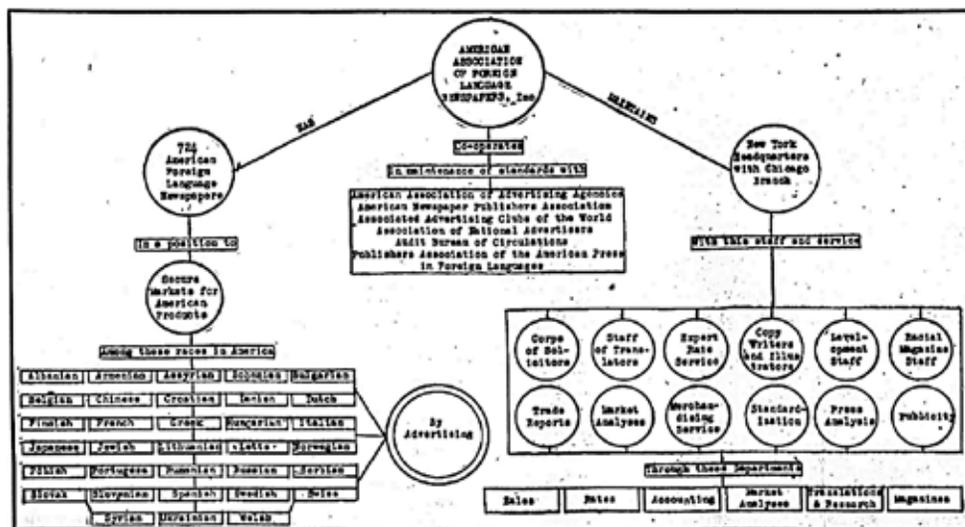
<sup>44</sup> CREEL, George. *How we advertised America*. New York: Harper and Brothers, 1920.

<sup>45</sup> Texto do decreto de 18 de maio de 2012, n. 63 (*Gazzetta Ufficiale* – série geral – n. 117, 21 maio 2012), “coordinato con la legge di conversione 16 luglio 2012, n. 103” (*Gazzetta Ufficiale*, p.1), “Disposizioni urgenti in materia di riordino dei contributi alle imprese editrici, nonché di vendita della stampa quotidiana e periodica e di pubblicità istituzionale”. (12A08154), Art. 1bis. “Contributi a favore di periodici italiani pubblicati all'estero”. Disponível em: <<http://www.altalex.com/index.php?idnot=18227>>. Acesso em: 10 out. 2014.

de imigração italiana atua no desenvolvimento da Itália, garantindo sua promoção para um público mais amplo. Além disso, ao “alimentar a relação afetiva que nossos emigrantes sempre manifestaram”, ela transforma esses últimos em um viveiro de leitores-consumidores prontos para estimular as exportações e “defender” a Itália “contra os ataques midiáticos de todo tipo”.<sup>46</sup>

Para além do controle político, o potencial econômico contido na imprensa étnica suscita cobiça ao mesmo tempo no país de chegada e no de origem. Desde os anos 1910, a Associação Americana de Jornais em Língua Estrangeira (*American Association of Foreign Language Newspaper*) sabia valorizar o potencial comercial de seus membros e de seus leitores, como demonstra o esquema seguinte, publicado na *American Public Ledger* em 1919.

GRÁFICO 6 - ESQUEMA DE MERCADO ESTRANGEIRO NOS ESTADOS UNIDOS.



Fonte: AAFLN. Foreign Market in the United States. *American Public Ledger*, p. 14, 16 jul. 1919.

<sup>46</sup> ALTALOX. *Intervento on. Narducci*. Disponível em: <<http://www.altalex.com/index.php?idnot=18227>>. Acesso em: 10 out. 2014. O texto “Intervento on. Narducci” estava disponível no site à época do acesso; hoje não consta mais. A autora deste artigo possui uma cópia impressa do texto.

O mercado representado por essas comunidades aumentou consideravelmente e, hoje em dia, novas associações, como a *New American Media* (NAM), fazem uso de táticas similares. Fundada em 1996 na Califórnia, a NAM agrupa mais de 3.000 organizações de mídias étnicas e diz ter como objetivo “ser porta-voz dos que são marginalizados” do “discurso nacional”. Apresentando também uma finalidade econômica, essa associação se orgulha de poder chegar a um público de 57 milhões de adultos, e de ter possibilitado aos seus associados receber 13 milhões de dólares em anúncios publicitários.<sup>47</sup> Pode-se perceber que as fontes de financiamento e controle são bem variadas e acabam condicionando a orientação dessa imprensa.

GRÁFICO 7 - CONTROLE E/OU FINANCIAMENTO.

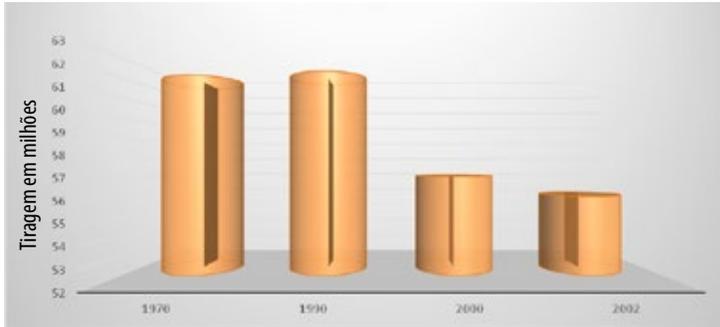


A imprensa étnica representa um mercado que não deixa ninguém indiferente, ainda mais agora, em um momento em que as mídias nacionais estão em recuo em vários países, como nos Estados Unidos; ao contrário, ela vive uma fase bastante dinâmica. As estatísticas mostram que entre 1970 e 2002 a tiragem

<sup>47</sup> ABOUT New America Media. Disponível em: <<http://newamericamedia.org/about/>>. Acesso em: 1 jun. 2015.

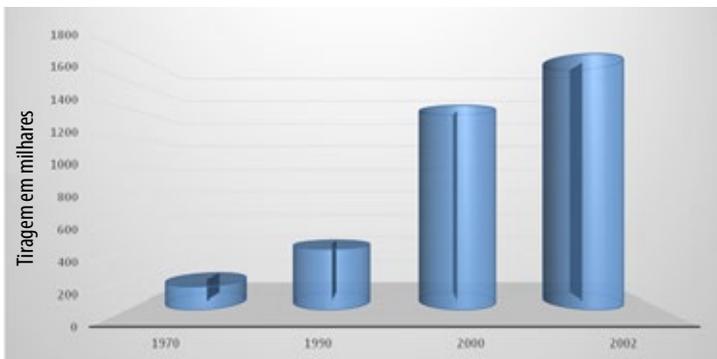
dos jornais em língua inglesa caiu, enquanto a dos jornais em língua espanhola esteve em plena expansão.<sup>48</sup>

GRÁFICO 8 - TIRAGEM DOS JORNALIS DIÁRIOS ANGLÓFONOS NOS ESTADOS UNIDOS (1970-2002).



Fonte: ETHNIC media overview, *Report* 2004.

GRÁFICO 9 - TIRAGEM DOS JORNALIS DIÁRIOS HISPANÓFONOS NOS ESTADOS UNIDOS (1970-2002).



Fonte: ETHNIC media overview, *Report* 2004.

<sup>48</sup> ETHNIC media overview, *Report* 2004. Disponível em: <<http://stateofthemedias.org/2004/ethnicalternative-intro/ethnic-media-overview/>>. Acesso em: 3 out. 2014. Os dois gráficos a seguir foram tirados dessa pesquisa.

No caso dos jornais hispânicos, cuja população-alvo continua a aumentar, o mercado chegou a chamar a atenção de consórcios midiáticos da América Latina com filiais nos Estados Unidos. Assim, a US Hispanic Media, filial de uma empresa argentina, se fundiu em 2012 com a Impremedia, que agrupa os principais órgãos de imprensa em língua espanhola nos Estados Unidos, buscando desenvolver uma estratégia de aproximação das populações hispânicas da América do Norte.<sup>49</sup>

## 7. UM PAPEL POLÍTICO CRUCIAL

O papel assumido pela imprensa alófona no jogo político é de natureza múltipla. Quando a Europa dos séculos XVIII e XIX enfrentou os tremores das revoluções, ela expulsou grupos que, exilados, buscaram fundar, nos locais onde encontraram refúgio, jornais em suas próprias línguas, para expressar livremente seus pensamentos. Criados como uma reação à censura, esses órgãos davam aos seus redatores uma chance de prosseguir o combate que eles tinham iniciado em seus países natais e de disseminar, a partir de fora, o fermento revolucionário.<sup>50</sup> Muitos desses periódicos tornavam-se verdadeiros espaços políticos, lugares de construção ideológica. Eles constituíam também um laço essencial entre os representantes de um mesmo movimento, que poderiam assim trocar ou confrontar seus pontos de vista, mantendo-se ao mesmo tempo informados sobre a situação de seus companheiros de luta. Essa imprensa de exílio que se transforma em imprensa de imigração foi um fenômeno frequente, já que seus promotores acabaram se instalando definitivamente na terra estrangeira, e permanece sendo uma constante do jornalismo étnico, qualquer que seja o período histórico.<sup>51</sup>

Não há dúvida de que os jornais resultantes da imigração também participam da vida política do país em que são publicados. Em geral, são vistos como um grande fator de influência sobre os seus leitores, embora seja difícil avaliar

<sup>49</sup> N.Y. TIMES – Hispanic Media Council: significativo acuerdo. *Impacto*, p. 15, 23 mar. 1993; CÁDIZ, Antonieta. ImpreMedia realiza alianza estratégica. *La Opinión*, 13 mar. 2012. p. A.8.

<sup>50</sup> Sobre a imprensa de exílio italiana, ver, por exemplo: DESCHAMPS, Bénédicte. Dal fiele al miele: la stampa esule italiana di New York e il Regno di Sardegna (1849-1861). *Annali della Fondazione Luigi Einaudi*, n.42, p. 81-98, 2008.

<sup>51</sup> Ver especialmente sobre os exilados chilenos na França: CARIZ, Melina. *Araucaria de Chile*: la revue culturelle de l'exil chilien. *Hommes et Migrations*, n. 1.305, p.152-155, 2014.

a medida dessa influência. Embora os editores desses periódicos coloquem-se como porta-vozes de sua comunidade, muitas vezes eles só representam a si mesmos, valendo-se de sua posição para estabelecer um estatuto social.<sup>52</sup> Reconhecidos pelas autoridades do país de chegada como intermediários legítimos, habilitados a realizar a comunicação com as populações de origem estrangeira, muitas vezes lhes é conferida uma autoridade que não condiz com a realidade. Contudo, eles costumam agarrar esse papel com entusiasmo, felizes com o lugar de “suprainterlocutores” que lhes é atribuído.<sup>53</sup>

Do mesmo modo, a imprensa de imigração é tida, desde sempre, como um “guia político”<sup>54</sup> (“*political instructor*”) ou um “comunicador cívico” (“*civic communicator*”),<sup>55</sup> uma vez que ela contribui para que seus leitores sejam formados de acordo com as práticas do sistema político local ou nacional. É certo que, apesar de todos os seus limites, ela atua de fato na educação cívica dos emigrantes, instruindo-os sobre os seus direitos e incitando-os a se apoderar das urnas para fazer suas vozes serem ouvidas e defender os interesses de seu grupo. Especialmente próxima de seus leitores, ela é um “instrumento potente que atua no nível da base”<sup>56</sup> e cuja força de mobilização não é negligenciável. Por essa razão, ela é solicitada com regularidade pelos diferentes partidos políticos que desejam tirar proveito desses jornais de nicho cujo impacto é sempre superior ao das grandes mídias nacionais, porque alcança um público bastante visado. Os responsáveis pelas publicações étnicas são sensíveis a esses chamados, aos quais eles respondem com prazer, por convicção ou remuneração. Além disso, os últimos estudos sobre as mídias latinas nos Estados Unidos mostram que as instituições governamentais recorrem cada vez mais frequentemente aos

<sup>52</sup> Cf. LUCONI, Stefano; DESCHAMPS, Bénédicte. The publisher of the foreign-language press as an ethnic leader? The case of James V. Donnaruma and Boston's Italian-American community in the interwar years. *Historical Journal of Massachusetts*, n. 30, v. 2, p.126-143, 2002.

<sup>53</sup> Termo emprestado do artigo de Isabelle Rigoni citado anteriormente.

<sup>54</sup> HANSEN, Marcus Lee. The history of American immigration as a field for research.

<sup>55</sup> BALLVE, Marcelo et al. *Profiles of ethnic media: California's new civic communications*. San Francisco: New California Media, 2002.

<sup>56</sup> NATIONAL ETHNIC Press and Media Council of Canada. The role of the ethnic press in Canadian life. Disponível em: <<http://www.nepmcc.ca/basic/role.htm>>. Acesso em: 4 jan. 2015.

jornalistas da imprensa hispanófono para verificar a pulsação de sua comunidade, levando em consideração suas opiniões no processo de decisão legislativa.<sup>57</sup>

## CONCLUSÃO

Sendo ao mesmo tempo a força centrípeta e a força centrífuga que permitem aos imigrantes cultivar suas diferenças, favorecendo uma transição na direção do modelo nacional do país de chegada, a imprensa étnica tem sido estudada muitas vezes por sua função assimiladora.<sup>58</sup> O papel que ela assume no processo de aculturação das populações de origem estrangeira não deve, contudo, ocultar sua especificidade, nem a originalidade de uma parte de suas posições. Não é raro que ela ofereça um ponto de vista alternativo, que permite ampliar os debates nacionais, apresentando opiniões ditas minoritárias, mas necessárias à reflexão mais ampla sobre o país. Sem dúvida, como sublinha Yu Shi, o caráter alternativo dos periódicos étnicos tem muitas ambiguidades por conta da internacionalização de certos modelos de representação e dos esquemas culturais dominantes da sociedade de chegada.<sup>59</sup> Porém, se essas publicações ainda são dinâmicas, certamente isso ocorre porque seu conteúdo e/ou sua abordagem se distinguem da imprensa nacional “dominante”. O fato de elas pertencerem cada vez mais a redes de informações transnacionais lhes garante um público mais amplo e contribui para que se mantenham como uma voz diferente. É interessante observar que o interesse das sociedades multiculturais por essa voz é crescente, mas que os objetivos dos novos projetos de pesquisa dedicados às mídias étnicas não deixam de evocar iniciativas bem mais antigas, cujo objetivo foi conhecer melhor a imprensa de imigração a fim de lhe atribuir um papel na inserção dos emigrantes, como se lhe coubesse necessariamente cumprir esta missão.

<sup>57</sup> MEDINA, Dennis Xavier. *Voces del capitolio: Spanish-language media in the statehouse*. Riverside, 2012. Tese (Doutorado em Ciência Política). University of California. Disponível em: <<http://www.escholarship.org/uc/item/2550d8wq>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

<sup>58</sup> WITTKÉ, Carl. *The German-language press in America*, p. 4; SIAPERÁ, Eugenia. *Cultural diversity and global media*, p. 101.

<sup>59</sup> SHI, Yu. Re-evaluating the “alternative” role of ethnic media in the US: the case of the Chinese-language press and working-class women readers. *Media Culture Society*, n. 31, v. 4, p. 597-616, 2009.